

Tribuna, 10 NOV 81

A lancha já estava longe do terminal quando pegou fogo, mas ninguém se feriu

# Lancha da Comdusa pega fogo com 60 passageiros

AM 7467

Ontem, à tarde, por volta das 15h05, no terminal aquaviário da Prainha, em Vila Velha, muito pânico: a lancha Comdusa XI sofreu pane no motor, incendiando-se imediatamente, obrigando os 60 passageiros a buscar refúgio na água ou na lancha de apoio. Segundo a sra. Terezinha Prate Lemos, "no meio da confusão, a solução que encontrei foi pular na água com meu filho de dois anos de idade e ir nadando até a praia". Ela não usou o equipamento de salva-vidas da lancha.

De acordo com informações do diretor-presidente da Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento Urbano S. A. (Comdusa), sr. José Antônio Peixoto Miguel, que estava acompanhando o serviço do Corpo de Bombeiros, "não houve feridos, nem vítimas. Apenas o susto, pois o sistema de salva-vidas da Comdusa funcionou muito bem". Os danos foram apenas materiais e da lancha somente restou o casco. Evitando qualquer comentário sobre o incidente, o sr. Peixoto Miguel foi enfático: "As causas somente serão divulgadas após investigação da Capitania dos Portos".

## INCÊNDIO

A lancha Comdusa XI — com apenas seis meses de uso — cumpria ontem normalmente seu itinerário, saindo às 15 horas do terminal da Prainha, em Vila Velha, com destino ao Centro de Vitória. Segundo informações de pessoas que estavam no local e dos próprios ocupantes da lancha, quando a embarcação já estava a uns mil metros de distância do terminal o motor começou a rater e surgiu fumaça na casa de máquinas. Os passageiros que estavam perto daquele local perguntaram o que estava acontecendo, recebendo por resposta que "tudo está bem".

Alheio ao incidente inicial, o timoneiro da lancha prosseguiu seu itinerário, quando houve novamente pane no motor e o incêndio, imediatamente, teve início. Segundo a sra. Vera Lúcia Barbosa, "tudo foi muito rápido, o fogo cresceu depressa, e a parte de baixo da lancha foi totalmente invadida pela fumaça". O timoneiro ainda tentou retornar ao cais, mas as labaredas o impediram, obrigando-o a saltar para a água. Uma lancha de apoio, enviada pelo terminal da Prainha, recolheu grande parte dos passageiros, mas nem todos esperaram pelo resgate, preferindo jogar-se na água.

Este foi o caso da sra. Terezinha Prate Lemos, estudante de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que ontem viajava com seu filho de dois anos de idade, André Prate Lemos. "Na hora eu não pensei em nada, muito menos em esperar por socorro. Tentei apanhar um salva-vidas, mas alguém disse que não era permitido. Então, com meu filho no colo, pulei n'água e nadei até a praia. Sei que foi uma atitude impensada, que poderia não ter conseguido chegar até a terra firme, mas foi tudo o que pude fazer no momento".

Sobre as possíveis causas do incêndio, o sr. José Antônio Peixoto Miguel preferiu não arriscar nada, "antes do laudo técnico da Capitania dos Portos. Creio que o problema deve ter sido no motor, na casa de má-

quinas, mas ainda é prematuro para afirmar algo concreto. Prefiro esperar". Peixoto Miguel estava visivelmente abalado com o acontecimento e repetia a toda hora que "graças a Deus não houve vítima fatal, nem mesmo feridos. Somente os danos materiais".

Também os peritos do Corpo de Bombeiros nada quiseram informar sobre as causas do incêndio, limitaram-se a cumprir sua tarefa de apagar o fogo. Segundo o tenente Romualdo, da Primeira Divisão de Socorro, cerca de 50 homens foram mobilizados, envolvendo três viaturas. O abastecimento de água dos carros-pipas foi efetuado no hidrante próximo ao Convento da Penha. Os funcionários do terminal da Prainha, quando questionados pela reportagem sobre como aconteceu o incidente, refugiavam-se nos cantos, alegando que nada tinham a relatar e que "a imprensa era muito intrrometida".

No cais, as versões eram várias sobre o incêndio. Segundo o sr. Etério Vieira, que presenciou o incidente, "o fogo não teria causado tanto estrago, se o maquinista da lancha não tivesse se jogado na água quando da primeira labareda. Os prejuízos não seriam tantos". Essa versão do acontecimento não pôde ser confirmada, pois os funcionários do terminal nada informaram. Todavia, foi constatada pelo sr. Mário Mattos, que também estava no local na hora; "O timoneiro foi o primeiro a pular da lancha incendiada".

Especulando sobre as possíveis causas do incêndio, o sr. Luís Mateus Rennou afirmou: "Acredito que tenha sido falha do reservatório de combustível. Estava no cais esperando outra lancha e pude ver bem toda a cena. Vi quando a lancha parou e ocorreu movimento em seu interior. Presumo que, quando o timoneiro deu nova partida, uma fagulha do processo de ignição provocou o incêndio, já que hoje em dia há muito álcool misturado com o óleo diesel e fica mais rápido o fogo ser ateado".

A sra. Maria Tereza dos Santos, que também estava no embarque no terminal e presenciou o incêndio, disse que "foi uma coisa horrível, nunca mais vou andar de lancha. É muito doloroso ver de longe as pessoas jogando-se na água, crianças gritando, mães desesperadas. Creio que este quadro permanecerá eternamente na minha mente". Já para o menor Luís Flor Vilas, estudante da 5ª série do 1º Grau, que estava nadando nas imediações, "foi uma experiência importante. Tentei salvar algumas pessoas, mas não consegui chegar perto da lancha incendiada. Fiquei vendo de longe".

Depois do susto e do tumulto passados, somente os bombeiros da equipe de socorro permaneceram no local, expulsando a jatos de água os curiosos que insistiam em furar o cordão de isolamento. A equipe do Corpo de Bombeiros levou cerca de 40 minutos para combater o fogo, cujas labaredas — no ápice do incêndio — chegavam a cerca de um metro e meio de altura. Da lancha, somente o casco restou, já que o material — fibra de vidro — é bastante inflamável. Os prejuízos provavelmente ficarão na casa dos Cr\$ 30 milhões (preço atual de uma lancha igual à destruída).